

VISÃO DO CORREIO

# Crise climática no Brasil: 2026 precisa ser um ano de ações

Em 2025, o Brasil esteve no centro das discussões globais sobre o meio ambiente com a realização da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP30), em Belém, no Pará, no mês de novembro. Mais do que uma honra diplomática, sediar o evento colocou o país, dono da maior floresta tropical do planeta, com a responsabilidade de apresentar alternativas para a preservação. Agora, com o início de 2026, a necessidade de escolher entre retórica e ações se apresenta de forma urgente. A virada de calendário, que renova promessas, também traz a pressão por soluções.

Ontem, já nas primeiras horas do novo ano, os brasileiros enfrentaram altas temperaturas, um dos reflexos da crise do clima que vem se intensificando. Fato é que, pelo imenso território nacional, os eventos extremos se acumulam: são secas prolongadas, enchentes devastadoras e ondas de calor e de frio recordes que deixaram de ser exceção e passaram a fazer parte da rotina da população. Além da percepção do dia a dia, o consenso científico prevalece, os dados surgem em abundância e os alertas são reiterados, comprovando que o que falta não é diagnóstico, mas execução.

Longe de ser um tema abstrato ou ideológico, as alterações climáticas impactam a vida de todos e ignorá-las tem custos econômico, social e humano crescentes. Diante disso, os discursos solenes que se estendem sobre esses problemas já não cabem mais na realidade brasileira. As evidentes contradições espalhadas pelo país, que ainda convive com desmatamento, garimpo ilegal e conflitos socioambientais persistentes, precisam ser sanadas.

Nas últimas décadas, planos foram

anunciados com prazos longos e resultados insuficientes. Os compromissos firmados se multiplicaram, porém não se concretizaram da maneira esperada e com a emergência que as mudanças climáticas demandam. No papel — e também em projetos bem-sucedidos — o Brasil já demonstrou possuir capacidade para dar respostas à altura dos desafios. Só que não basta debater e elaborar metas, é fundamental que elas sejam contempladas em orçamentos públicos para serem desenvolvidas. Nesse campo, o financiamento, a fiscalização contínua e as políticas de prevenção dependem da integração entre União, estados e municípios.

Do lado da iniciativa privada, a questão não deve se limitar às estratégias de imagem: a preocupação com o verde precisa orientar os investimentos, as cadeias produtivas e a inovação. Da mesma forma, a sociedade deve ser chamada à corresponsabilidade, sem tratar o assunto como agenda futura. Ao contrário. Em mais um ano que começa, os brasileiros têm a chance de exigir que o país se reposicione internamente em relação à crise climática, passando a ser um exemplo para o mundo. Biodiversidade e conhecimento técnico para transformar esse potencial em soluções concretas existem de sobra.

A proteção plena do meio ambiente não pode mais esperar. Os ciclos de resultados tímidos devem ser encerrados, abrindo espaço para um processo transparente de transição e preservação. Colocar esse cuidado na rotina nacional é a saída para garantir qualidade de vida. As escolhas de cada cidadão — especialmente políticas, com o voto nas eleições de outubro próximo — precisam ser tomadas com extrema consciência ambiental.



## » Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: [sredat.df@dabr.com.br](mailto:sredat.df@dabr.com.br)

### Sem luz

Estou espantado com a má qualidade dos fósforos brasileiros e a inação dos órgãos de fiscalização em reparar as inacreditáveis falhas que eles têm apresentado. Tem vários meses que tenho comprado caixa de fósforos da famosa marca Fiat Lux, com palitos curtos ou longos, e a cena se repete: eles não acendem ou se quebram com as intensas tentativas deles “fazerem luz”. Além disso, o material que é colocado na região de atrito para o fósforo acender acaba rapidamente, sem que a caixa tenha chegado à meta-de. Não sei a quem cabe esse tipo de fiscalização, mas está passando da hora de algum órgão fiscalizador federal tomar uma atitude e verificar a qualidade do fósforo que está sendo vendido à população em Brasília.

» **Maria Carvalho**  
Asa Norte

### Drama sem-fim

A política brasileira parece ser o roteiro de uma novela sem-fim, especialmente depois da redemocratização do país com a Constituição de 1988. O primeiro presidente eleito depois de 21 anos, Fernando Collor, foi impichado antes de completar dois anos de governo. Seu sucessor, Itamar Franco, não concorreu à reeleição, mas fez Fernando Henrique presidente da República nas costas do Plano Real, que acabou com a estratosférica inflação da época.

### Drama sem-fim II

Depois, vieram os presidentes petistas Lula e Dilma Rousseff, que enganou seu antecessor e fez questão de disputar a reeleição, com sucesso. Mas acabou impichada, e Lula, preso! Michel Temer assumiu a Presidência da República com a perspectiva de reeleição, mas também foi atropelado pelas gravações dos irmãos Batista, da poderosa JBS. Depois que saiu do governo, acabou preso também.

### Drama sem-fim III

Eleição nova, vida nova: do nada apareceu o desconhecido Jair Bolsonaro, que chegou ao Palácio do Planalto depois de 24 anos de um obscuro mandato de deputado federal pelo Rio de Janeiro. Hoje, está preso. É um romanesco roteiro dramático para fazer inveja a qualquer especialista em ficção literária.

» **Joel Souza**  
Planaltina

### Iluminação pública

A iluminação está precária em diversos pontos da EPTG, principalmente nos trechos da Octagonal e no percurso que liga o Guará a Vicente Pires. A precária iluminação nesse percurso tem causado insegurança para motoristas, ciclistas e pedestres, especialmente no período noturno. Além disso, pode aumentar o risco de acidentes de trânsito, assaltos e outros problemas relacionados à segurança pública. A EPTG possui grande fluxo diário, e são necessárias condições adequadas de visibilidade para garantir um deslocamento seguro na via. A manutenção e o

Editora: Carmen Souza // [carmensouza.df@dabr.com.br](mailto:carmensouza.df@dabr.com.br)  
[opiniao.df@dabr.com.br](mailto:opiniao.df@dabr.com.br) || 3214-1157

## Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O ano de 2026 com mais preservação do Cerrado brasileiro. A Região Centro-Oeste, a segunda maior em área, está se tornando uma grande fazenda de milho, soja etc.

Marcos Figueira — Sudoeste

2026: várias famílias e amizades foram destruídas pela eleição passada. Pelo amor de Deus, não briguem por políticos, nenhum deles merece apoio incondicional.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Basta um míssil no ar para lembrar que a paz continua em risco permanente. A corrida armamentista voltou!

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

funcionamento da iluminação pública são serviços essenciais. A população precisa, com urgência, da regularização da iluminação pública, seja por meio da manutenção dos postes existentes, seja da instalação de novos pontos de luz. Como presente de ano novo, o GDF anuncia as novas tarifas de iluminação pública!

» **Suzane Duraes**  
Águas Claras

### Feriados

Quem der uma olhada no calendário de 2026, verá que será pródigo em feriados encostados em finais de semana. A rigor, apenas o dia 15 de novembro, feriado nacional da Proclamação da República, escapa disso. Cairá em um domingo. Para um país em que se perde mais tempo em inutilidades do que se trabalha, será uma festa. Isso, sem contar com as eleições, que aliás demonstra que também pouco se faz nas esferas do Poder, a não ser politicagem permanente. Realmente, nosso país consegue um milagre por sobreviver. À custa das classes sociais menos favorecidas, que pagam a conta.

» **Humberto Pellizzaro**  
Asa Norte



**PALOMA OLIVETO**  
[paloma.oliveto@cgbpress.com.br](mailto:paloma.oliveto@cgbpress.com.br)

## Viver o tempo

O tempo como conhecemos é uma extraordinária invenção humana. Milhares de anos atrás, sumérios, egípcios e, mais recentemente, gregos dividiram o intervalo entre o nascer e o pôr do sol em 12 partes possíveis de serem contadas com facilidade — as três juntas de cada um dos quatro dedos das mãos, excluindo-se os dedões. Quando a luz natural se extinguiu, as estrelas remanescentes ajudavam a calcular o quanto se faltava para o começo do ciclo.

A divisão do dia em fragmentos curtos, contudo, tinha muito menos importância para os antigos do que o ciclo das estações, que definiam quando plantar e colher, trabalhar ou descansar. Por volta dos séculos 12 e 13, porém, com o crescimento das cidades e do comércio, as horas (já divididas em períodos de 60 minutos) adquirem novo significado. O tempo é monetizado. Tempo é dinheiro.

Segundo o medievalista francês Jacques Le Goff, as horas ganharam tamanha importância que, quando surgiram na Europa os primeiros relógios mecânicos, era crime danificá-los. Cada cidade tinha o seu, instalado geralmente no

alto de torres — jamais dentro de casa. O tempo tornou-se instrumento de regulação coletiva, controlado pelas autoridades religiosas ou civis. Tempo é poder.

Depois disso, nunca mais fomos senhores do nosso próprio tempo. Escravos das horas, dos compromissos, mesmo fora da jornada de trabalho, é o relógio quem nos controla. Não podemos perder tempo — e o paradoxo é que, cada vez mais, deixamos que ele derreta, como nos quadros de Salvador Dalí.

Na ânsia de acompanhar tudo o que acontece em todo canto, não paramos mais de postar e de consumir as postagens alheias — nosso tempo, tão curto, é entregue a redes sociais e corporativas — quem não se mostra não é visto. Tempo é aparência.

Em 2024, a longevidade do brasileiro chegou a 76,6 anos, a mais alta até hoje. Isso significa que, em média, uma pessoa nascida naquele ano terá 671.016 horas para aproveitar. Que ela, e todos nós, façamos o melhor com as que nos restam. Que, em 2026, lembremos-nos de que tempo não é dinheiro, poder nem aparência. Tempo é vida.

### CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara  
E se mais mundo houvera, lá chegará”  
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO  
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés  
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux  
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	R\$ 1.187,88
			360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>  
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A. Press Multimídia  
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:  
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;  
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:  
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/  
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.  
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.  
E-mail: [dapress@dabr.com.br](mailto:dapress@dabr.com.br) Site: [www.dapress.com.br](http://www.dapress.com.br)